

1
Este

O estranho emergiu do mar como um fantasma da água, descalço e com as cicatrizes da sua viagem muito bem visíveis. Caminhava como se estivesse bêbedo, através da névoa que se aferrava a Seiiki como uma teia de aranha.

As histórias de outrora contavam que os fantasmas da água eram condenados a viver no silêncio. Que as suas línguas haviam murchado, assim como a sua pele, e que tudo o que lhes cobria os ossos eram algas marinhas. Que estavam destinados a rondar os baixios, à espera da oportunidade de carregar os incautos para as profundezas do Abismo.

Tané deixara de temer essas histórias assim que abandonara a infância. Agora, a sua adaga brilhava diante dela, curvada como um sorriso, e o seu olhar estava fixo sobre a figura na calada da noite.

Mas quando a figura a chamou, Tané estremeceu.

As nuvens libertaram o luar que haviam escondido, o suficiente para que ela o visse como era. E para que ele a visse.

Não era um fantasma. Era um forasteiro. Ela vira-o e isso nunca iria mudar.

Estava queimado pelo sol, tinha o cabelo cor de palha e a barba ensopada. Os contrabandistas deviam tê-lo abandonado na água e ordenado que nadasse o resto do caminho. Era claro que ele não sabia a língua dela, mas ela compreendia o suficiente da dele para saber que estava a pedir ajuda. Que queria ver o Senhor da Guerra de Seiiki.

Tané sentiu-se como se o seu coração fosse um punho contendo trovões. Não ousou falar, pois mostrar-lhe que conhecia a sua língua seria forjar

uma ligação entre eles, trair-se a si mesma. Revelar que, tal como ela era agora testemunha do seu crime, também ele era testemunha do dela.

Devia estar em reclusão. A salvo por trás das paredes da Casa Sul, pronta para se levantar, purificada, para o dia mais importante da sua vida. Agora, estava manchada. Manchada sem possibilidade alguma de redenção. E tudo porque decidira mergulhar nas águas do mar uma última vez antes do Dia da Escolha. Corriam rumores de que o grande Kwiriki favorecia aqueles que possuíssem a coragem de se escapulir e procurar as ondas durante a reclusão. Em vez disso, enviara-lhe este pesadelo.

Ao longo da sua vida, fora sempre demasiado afortunada.

Este era o seu castigo.

Manteve o forasteiro à distância com a adaga. Confrontado com a morte, ele começou a tremer.

Um turbilhão de possibilidades invadiu a mente de Tané, cada uma mais terrível do que a anterior. Se entregasse o forasteiro às autoridades, teria de revelar que quebrara a reclusão.

O Dia da Escolha poderia não prosseguir. O honrado Governador de Cabo Hisan — aquela província de Seiiki — nunca permitiria que os deuses entrassem num lugar que pudesse estar contaminado pela doença vermelha. Poderia levar semanas até que declarasse a cidade segura, e até lá já se teria decidido que a chegada do forasteiro havia sido um mau presságio e que a próxima geração de aprendizes, não a de Tané, deveria ter a oportunidade de se tornar cavaleira. Isso custar-lhe-ia tudo.

Não o podia denunciar. Nem podia abandoná-lo. Se *de facto* ele tivesse a doença vermelha, deixá-lo vaguear sem controlo seria um perigo para toda a ilha.

Havia apenas uma opção.

Ela enrolou-lhe uma tira de pano em torno do rosto para o impedir de expelir a doença. Tinha as mãos a tremer. Quando terminou, conduziu-o da areia preta da praia até à cidade, mantendo-se tão próxima dele quanto se atrevia, a lâmina pressionada contra as suas costas.

Cabo Hisan era um porto que nunca dormia. Guiou o forasteiro pelos seus mercados noturnos, passando por santuários esculpidos em madeira flutuante, sob as faixas de lanternas azuis e brancas penduradas

para o Dia da Escolha. O seu prisioneiro observava tudo em silêncio. A escuridão obscureceu-lhe as feições, mas Tané deu-lhe um toque na cabeça com a parte lisa da lâmina, forçando-o a baixá-la. Enquanto isso, manteve-o o mais afastado possível dos demais.

Tinha uma ideia de como o isolar.

Havia uma ilha artificial colada ao cabo. Chamava-se Orisima e era uma espécie de curiosidade para os locais. O posto de comércio tinha sido construído para abrigar um punhado de comerciantes e estudiosos do Estado Livre de Mentendon. A par dos lacustres do outro lado do cabo, os mênticos eram os únicos autorizados a continuar o comércio em Seiiki depois de a ilha ter sido fechada ao mundo.

Orisima.

Era para lá que levaria o forasteiro.

A ponte iluminada por archotes que conduzia ao posto de comércio estava protegida por sentinelas armadas. Poucos seiikines tinham permissão para entrar, e Tané não era uma delas. A única outra forma de passar a vedação era através do portão de desembarque, que se abria uma vez por ano para receber mercadorias dos navios mênticos.

Tané conduziu o forasteiro até ao canal. Não podia levá-lo pessoalmente para Orisima, mas conhecia uma mulher que podia. Alguém que saberia o melhor lugar para o esconder no posto de comércio.

Há muito tempo que Niclays Roos não recebia visitas.

Estava a servir-se de um pouco de vinho — uma pinguinha da sua mísera provisão — quando ouviu bater à porta. O vinho era um dos poucos prazeres que lhe restavam no mundo, e estivera concentrado em respirar o seu aroma, em saborear aquele momento áureo que antecede o primeiro gole.

Logo agora, tinham de o interromper. Claro. Com um suspiro, levantou-se da cadeira e soltou um grunhido ao sentir uma picada de dor no tornozelo. Só lhe faltava a maldita da podagra.

Voltaram a bater à porta.

— Já vai — murmurou.

A chuva tamborilou no telhado enquanto ele foi buscar o seu cajado. *Chuva de ameixas*, como os seiikines lhe chamavam nesta altura do ano, quando o ar era espesso e húmido como nuvens e as árvores ficavam

carregadas de frutos. Coxeou através das esteiras, praguejando entredentes, e abriu a porta apenas uma fração de centímetro.

Lá fora, na escuridão, encontrava-se uma mulher. Tinha o cabelo escuro até à cintura e usava um vestido estampado com flores de sal. Estava encharcada, demasiado molhada para ser apenas devido à chuva.

— Boa noite, erudito Doutor Roos — cumprimentou-o.

Niclays ergueu as sobrancelhas.

— Desagrada-me sem igual receber visitas a esta hora. Ou a qualquer hora. — Deveria curvar-se, para a saudar, mas não tinha razões para tentar impressionar aquela estranha. — Como sabeis o meu nome?

— Foi-me dito — respondeu ela, sem mais explicações. — Trago comigo um dos vossos compatriotas. Ficará convosco esta noite e amanhã venho buscá-lo ao pôr do sol.

— Um dos meus compatriotas.

A visitante virou ligeiramente a cabeça e, por trás de uma árvore próxima, surgiu uma silhueta.

— Os contrabandistas entregaram-no a Seiiki — acrescentou a mulher, olhando por cima do ombro. — Amanhã levá-lo-ei ao honrado Governador.

Quando a luz da casa iluminou a silhueta do homem, Niclays congelou.

À sua porta estava um homem de cabelos dourados, tão encharcado como a mulher. Um homem que ele nunca vira em Orisima.

Viviam vinte pessoas no posto de comércio, e Niclays conhecia cada uma delas, pelo rosto e pelo nome. E não havia previsão de chegarem navios mênticos com pessoas novas durante muito tempo.

De alguma forma, aqueles dois tinham conseguido passar sem serem vistos.

— Não. — Niclays olhou-a fixamente. — Santo, mulher, tentais envolver-me numa operação de contrabando? — Agarrou desajeitadamente a maçaneta da porta. — Não *posso* esconder um invasor. Se alguém descobrisse…

— Uma noite.

— Uma noite, um ano, ainda assim cortar-nos-ão as cabeças. Boa noite.

Quando estava prestes a fechar a porta, a mulher enfiou o cotovelo na abertura.

— Se o fizerdes — insistiu, agora tão perto que Niclays podia sentir-lhe a respiração —, sereis recompensado com prata. Tanta quanta conseguirdes transportar.

Niclays Roos hesitou.

A prata *era* tentadora. Jogara demasiados jogos de cartas bêbedo com as sentinelas e devia-lhes mais do que conseguiria ganhar numa vida inteira. Até agora, lograra apaziguar-lhes as ameaças com a promessa de joias do próximo carregamento mêntico, mas sabia muito bem que, quando chegasse, não haveria uma única maldita joia a bordo. Não para alguém como ele.

Se fosse mais jovem, teria aceitado a proposta sem hesitar, quando mais não fosse pela aventura. Mas antes que o seu eu mais velho e sábio pudesse intervir, a mulher afastou-se da porta.

— Estarei de volta amanhã à noite — disse ela. — Não deixeis que o vejam.

— Esperai — silvou atrás dela, furioso. — Quem sois vós?

Ela já se fora embora. Com um olhar de relance para a rua e um rosnado de frustração, Niclays arrastou o homem de ar assustado para dentro de casa.

Aquilo era uma loucura. Se os vizinhos percebessem que estava a abrigar um invasor, seria levado ante um Senhor da Guerra muito furioso que não era propriamente conhecido pela sua misericórdia.

No entanto, lá estava ele.

Trancou a porta. Apesar do calor, o recém-chegado estava a tremer. A sua pele era cor de azeitona, queimada nas faces, e os seus olhos azuis estavam irritados do sal. Nem que fosse apenas para o acalmar, Niclays foi buscar um cobertor que trouxera de Mentendon e deu-o ao homem, que o aceitou sem uma palavra. Tinha razões para estar assustado.

— De onde vens? — indagou Niclay bruscamente.

— Perdoai-me — disse o convidado com uma voz rouca. — Não percebo. Estais a falar seiikine?

Inysh. Eis uma língua que ele não ouvia há muito tempo.

— Aquilo — devolveu Niclays, nessa mesma língua — não foi seiikine. Foi mêntico. Presumi que também o fosses.

— Não, senhor. Sou de Ascalon — respondeu com timidez. — Permitis-me que pergunte o nome do homem a quem devo agradecer por me abrigar?

Típico dos inysh. A cortesia acima de tudo.

— Roos — replicou Niclays. — Doutor Niclays Roos. Mestre cirurgião. A pessoa cuja vida estás a pôr em risco com a tua presença.

O jovem olhou para ele.

— Doutor… — Engoliu em seco. — Doutor Niclays Roos?

— Parabéns, rapaz. A água do mar não te afetou a audição.

O convidado libertou um suspiro trémulo.

— Doutor Roos — disse —, isto é providência divina. O simples facto de o Cavaleiro da Camaradagem me ter trazido até *vós*, de todas as pessoas…

— Até mim? — Niclays franziu o sobrolho. — Já nos conhecemos?

Fez um esforço para se lembrar do último ano em Inys, mas estava certo de nunca ter visto aquele homem. A menos que tivesse sido durante uma das suas bebedeiras. Que, em Inys, eram frequentes.

— Não, senhor, mas um amigo disse-me o vosso nome. — O homem limpou o rosto com a manga. — Tinha a certeza de que iria sucumbir ao mar, mas ver-vos trouxe-me de volta à vida. Graças ao Santo.

— O teu santo não tem poder aqui — murmurou Niclays. — Agora, por que nome respondes?

— Sulyard. Mestre Triam Sulyard, senhor, ao vosso serviço. Era escudeiro na corte de Sua Majestade Sabran Berethnet, rainha de Inys.

Niclays apertou o maxilar. Aquele nome despertou-lhe uma raiva branca e incandescente nos intestinos.

— Um escudeiro — repetiu, sentando-se. — Sabran cansou-se de ti como se cansa de todos os seus súbditos?

Sulyard eriçou-se.

— Não ouseis insultar a minha rainha, ou eu…

— Ou tu o quê? — Niclays observou-o por cima da armação dos óculos. — Talvez deva chamar-te Triam Sulerdo. Tens alguma ideia do que fazem aos forasteiros aqui? Foi por isso que Sabran te enviou, para morreres uma morte particularmente terrível?

— Sua Majestade não sabe que eu estou aqui.

Interessante. Niclays serviu-lhe um copo de vinho.

— Toma — ofereceu, ressentido. — Bebe tudo.

Sulyard esvaziou a taça.

— Agora, Mestre Sulyard, isto é importante — continuou Niclays, dirigindo-se a ele com mais protocolo. — Quantas pessoas vos viram?

— Fizeram-me nadar até à costa. Primeiro cheguei a uma enseada de areia preta. — Sulyard estava a tremer. — Uma mulher encontrou-me e conduziu-me para uma cidade com uma adaga apontada às costas. Deixou-me sozinho num estábulo… Depois veio outra mulher e disse-me que a seguisse. Levou-me para o mar e nadámos juntos até chegarmos a um pontão. No final, havia um portão.

— E estava aberto?

— Sim.

A mulher deve conhecer uma das sentinelas. Deve ter-lhe pedido que deixasse o portão aberto.

Sulyard esfregou os olhos. O tempo que passara no mar desgastara-o, mas Niclays via agora que não passava de um jovem, talvez nem sequer tivesse vinte anos.

— Doutor Roos… — disse ele. — Vim numa missão de extrema importância. Tenho de falar com o…

— Desculpai-me, mas tenho de vos interromper, Mestre Sulyard — interviu Niclays. — Não tenho o menor interesse no que vos trouxe até aqui.

— Mas…

— Quaisquer que sejam os vossos motivos, viestes até aqui sem permissão de nenhuma autoridade, o que é uma loucura. Se o Comandante vos encontrar e vos arrastar para interrogatório, quero poder dizer com toda a honestidade que não faço ideia do motivo que vos trouxe à minha porta a meio da noite e que pensei que tínheis permissão para estar em Seiiki.

Sulyard piscou os olhos.

— O Comandante?

— O oficial seiikine responsável por esta lixeira flutuante, embora pareça considerar-se um deus menor ou algo assim. Sabeis sequer onde estais?

— Orisima, o último posto de comércio ocidental do Oriente. Foi a sua existência que me deu esperança de ser recebido pelo Senhor da Guerra.

— Garanto-vos que, sob nenhuma circunstância, Pitosu Nadama acolherá um invasor na sua corte. O que ele *fará*, se descobrir da vossa presença, é executar-vos.

Sulyard não respondeu.

Por breves instantes, Niclays considerou contar ao seu convidado que a sua salvadora tencionava ir buscá-lo no dia seguinte, talvez para alertar as autoridades da sua chegada, mas decidiu contra isso. Sulyard podia entrar em pânico e tentar fugir e não tinha para onde o fazer.

Era apenas um dia. Amanhã, ir-se-ia embora.

Foi então que ouviu vozes lá fora. Passos a ecoar no chão de madeira das outras residências. Sentiu um arrepio.

— Escondei-vos — advertiu, e pegou no seu cajado.

Sulyard agachou-se por trás de um biombo. Com as mãos trémulas, Niclays abriu a porta.

Séculos antes, o Primeiro Senhor da Guerra de Seiiki assinara o Grande Édito e cortara o acesso à ilha a qualquer pessoa que não fosse lacustre ou mêntica, para proteger o seu povo da peste draconiana. Mesmo após o fim da peste, a separação mantivera-se. Qualquer forasteiro que chegasse sem permissão seria executado. Assim como qualquer pessoa que o ajudasse.

Não havia sinais das sentinelas na rua, mas vários dos seus vizinhos haviam-se reunido. Niclays juntou-se a eles.

— Em nome de Galian, que se está a passar? — perguntou ao cozinheiro, que fitava um ponto acima das suas cabeças, a boca tão aberta que a podia ter usado para apanhar borboletas. — Recomendo que no futuro evites essa expressão facial, Harolt. As pessoas podem achar que és inepto.

— Olha, Roos — exclamou o cozinheiro, ainda boquiaberto. — Olha!

— É bom que isto seja…

Interrompeu-se quando o viu.

Uma enorme cabeça erguia-se por cima da cerca de Orisima. Pertencia a uma criatura nascida da joia e do mar.

As suas escamas fumegantes eram de selenite, tão cintilantes que pareciam ter luz própria, e estavam cobertas de gotículas semelhantes a pedras preciosas. Cada olho era uma estrela brilhante e cada chifre era como mercúrio, reluzindo sob o luar pálido. A criatura flutuava com

a graça de uma fita, passando pela ponte e subindo até ao céu, leve e silenciosa como um papagaio de papel.

Um dragão. Mesmo enquanto se elevava sobre Cabo Hisan, outros ascendiam da água, deixando uma névoa gelada no seu rasto. Niclays pressionou uma mão contra a batida do tambor no seu peito.

— Mas que — murmurou Niclays — estão *eles* a fazer aqui?



2

Oeste

Ele estava de máscara, claro. Como todos os outros. Apenas um louco entraria na Torre da Rainha sem assegurar o seu anonimato, e se ele tinha conseguido chegar à Câmara Privada, isso decerto significava que este assassino não era nenhum tolo.

Mais além, no Quarto de Leito Real, Sabran dormia profundamente. Com o cabelo solto e as pestanas escuras contra as faces, a rainha de Inys seria um retrato de placidez. Esta noite, era Roslain Crest quem dormia a seu lado.

Ambas estavam inconscientes da sombra que se aproximava, determinada a matá-las.

Ao retirar-se naquela noite, Sabran deixara a chave do seu cómodo mais privado com uma das suas Damas do Leito Real. Agora, estava nas mãos de Katryen Withy, que caminhava pela Galeria dos Chifres. Os aposentos reais eram guardados pelos Cavaleiros do Corpo, mas a porta do Quarto de Leito Real nem sempre era vigiada. Afinal, havia apenas uma chave.

Nenhum risco de intrusos.

Na Câmara Privada, a última barreira que separava o leito da rainha do mundo exterior, o assassino olhou por cima do ombro. *Sir* Gules Heath havia regressado ao seu posto do lado de fora, desconhecendo o perigo que se infiltrara na torre durante a sua ausência. Desconhecendo que Ead, escondida nas vigas, observava o assassino a aproximar-se da porta que o levaria até à rainha. Sem um único som, o intruso puxou uma chave do seu manto e inseriu-a na fechadura.

Virou-a.

Durante muito tempo, não se mexeu. À espera da sua oportunidade.

Este era muito mais cuidadoso do que os outros. Quando Heath, do lado de fora, teve um dos seus acessos de tosse, o intruso abriu a porta para o Quarto de Leito Real. Com a outra mão, desembainhou uma adaga. O mesmo tipo de adaga que os outros haviam usado.

Quando se moveu, Ead também o fez, descendo em silêncio da viga atrás dele.

Os seus pés descalços brilharam sobre o mármore. Quando o assassino entrou no Quarto de Leito Real de adaga em riste, ela tapou-lhe a boca com a mão e cravou-lhe a lâmina entre as costelas.

O assassino retorceu-se. Ead agarrou-o bem, tendo cuidado para não derramar uma única gota de sangue. Quando o corpo ficou imóvel, ela deitou-o no chão e levantou-lhe a viseira, a mesma que fora usada por outros antes dele.

O rosto que ocultara era muito jovem, o de um rapaz. Olhos tão azuis como a água do lago fitavam o teto.

Não era ninguém que ela reconhecesse. Ead beijou-lhe a testa e deixou-o jazido sob o chão de mármore.

Um momento após ter regressado ao seu esconderijo nas sombras, ouviu um grito de socorro.

O amanhecer encontrou-a ainda nos terrenos do palácio. Tinha o cabelo preso numa trança dourada adornada com esmeraldas.

Todas as manhãs seguia a mesma rotina. Ser previsível era estar a salvo. Primeiro, foi ter com o Mestre dos Correios, que confirmou que não havia cartas para ela. Depois, foi até aos portões e olhou para a cidade de Ascalon, imaginando que um dia caminharia por ela, e continuaria a caminhar até chegar a um porto e a um navio que a levaria para casa, em Lasia. Por vezes, via alguém que conhecia lá fora e cumprimentavam-se com um leve aceno de cabeça. Por fim, ia para o Salão de Banquetes quebrar o jejum com Margret, e depois, às oito, começava as suas tarefas.

A primeira do dia era localizar a Lavadeira Real. Ead não tardou a encontrá-la atrás da Cozinha Real, encostada a uma moita. Um rapaz do estábulo parecia estar a contar-lhe as sardas do decote com a língua.

— Bom dia aos dois — cumprimentou Ead.

O casal separou-se entre arquejos. O rapaz dos estábulos, de olhar selvagem, desatou a correr como se fosse um dos seus cavalos.

— Senhora Duryan! — disse a lavadeira, alisando a saia enquanto se curvava em reverência, corando até às raízes do cabelo. — Por favor, não conteis a ninguém, senhora, ou ficarei arruinada.

— Não precisas de me fazer reverência. Não sou uma senhora — respondeu-lhe Ead, sorrindo. — Achei que seria prudente recordar-te de que deves comparecer *todos* os dias a Sua Majestade. Tens sido algo descuidada nos últimos tempos.

— Oh, senhora Duryan, confesso que a minha mente tem estado noutro lugar, mas tenho andado tão nervosa. — A lavadeira torceu as mãos calejadas. — Os criados têm sussurrado. Dizem que um wyverling roubou gado dos Lagos há menos de dois dias. Um wyverling! Não é assustador pensar que os servos do Inominável estão a acordar?

— Ora, é precisamente por isso que deves ser cautelosa no teu trabalho. Esses servos do Inominável desejam o desaparecimento de Sua Majestade, pois a sua morte traria o seu mestre de volta a este mundo — disse Ead. — É por isso que o teu trabalho é *essencial*, boa senhora. Não deves deixar de examinar os seus lençóis todos os dias, atenta a quaisquer venenos, e de te certificares de que a cama se mantém limpa e perfumada.

— Claro, sim. Prometo que serei mais cuidadosa com os meus deveres.

— Oh, mas não é a mim que o deves prometer. Deves prometê-lo ao Santo. — Ead inclinou a cabeça em direção ao Santuário Real. — Vai ter com ele agora. Talvez até possas pedir-lhe perdão pela tua… indiscrição. Vai com o teu amante e reza por clemência. Apressa-te!

Quando a lavadeira saiu a correr, Ead reprimiu um sorriso. Era quase demasiado fácil deixar um inysh embaraçado.

O sorriso depressa se desvaneceu. *De facto*, um wyverling atrevera-se a roubar gado dos humanos. Embora as criaturas draconianas estivessem a despertar do seu longo sono havia anos, os avistamentos permaneciam incomuns — pelo menos, até aos últimos meses. Era mau presságio que se estivessem a tornar audazes a ponto de caçar em áreas com povoação.

Mantendo-se à sombra, Ead percorreu o longo caminho até aos aposentos reais. Contornou a Biblioteca Real, esquivou-se a um dos pavões brancos a vaguear pelos jardins e entrou nos claustros.

O Palácio de Ascalon — um colosso de calcário claro — era a maior e mais antiga residência da Casa de Berethnet, governantes do Rainhado de Inys. Os danos sofridos durante a Ascenção das Sombras, quando o Exército Draconiano lançara a sua guerra de um ano contra a humanidade, há muito que haviam sido apagados. Cada janela estava equipada com vitrais em todas as cores do arco-íris. Os terrenos abrigavam um Santuário das Virtudes, jardins com áreas sombreadas e a imensa Biblioteca Real, com a sua torre de relógio em mármore. No verão, era o único lugar onde Sabran recebia a corte.

Havia uma macieira no centro do pátio. Ead parou ao vê-la, o peito a doer.

Fazia cinco dias que Loth desaparecera do palácio na calada da noite, juntamente com o Lorde Kitston Glade. Ninguém sabia para onde tinham ido ou porque haviam abandonado a corte sem permissão. O rosto de Sabran transparecera a sua preocupação, mas Ead sofrera-a em silêncio.

Recordou o cheiro de madeira a arder do seu primeiro Banquete da Camaradagem, quando conhecera o Lorde Arteloth Beck. A cada outono, a corte reunia-se no Reino das Virtudes para trocar presentes e celebrar a sua união. Fora a primeira vez que se haviam encontrado em pessoa, mas, mais tarde, Loth dissera-lhe que havia muito tempo que andava curioso quanto à nova dama de honor. Ouvira rumores sobre uma jovem sulista de dezoito anos, nem nobre, nem camponesa, recém-convertida às Virtudes da Cavalaria. Segundo muitos cortesãos, fora o Embaixador do Ersyr que a apresentara à rainha.

Não vos trago joias ou ouro para celebrar o Ano Novo, Vossa Majestade. Em vez disso, trago-vos uma senhora para a vossa Casa Superior, dissera Chassar. *A lealdade é o melhor dos presentes.*

A própria rainha tinha apenas vinte anos. Uma dama de companhia sem título ou sangue nobre era um presente peculiar, mas a cortesia forçara-a a aceitar.

Apesar de se chamar Banquete da Camaradagem, tinha pouco de fraternal. Naquela noite, ninguém abordara Ead para a convidar para uma

dança — ninguém além de Loth. Ombros largos, uma cabeça mais alta do que ela, pele negra profunda e um sotaque caloroso do Norte. Não havia na corte quem não soubesse o seu nome. Era o herdeiro de Goldenbirch — a terra natal do Santo — e amigo próximo da Rainha Sabran.

Senhora Duryan, dissera-lhe ele com uma reverência, *dais-me a honra de uma dança? Poupar-me-eis à fastidiosa conversa do Chanceler do Tesouro e ficarei em dívida para convosco. Em troca, trarei o melhor vinho de Ascalon e metade será vosso. Que me dizeis?*

Ead precisava de um amigo. E de algo forte para beber. Então, ainda que se tratasse de Lorde Arteloth Beck, e ainda que ele fosse um completo desconhecido, dançaram três pavanas e passaram o resto da noite junto à macieira, a beber e a conversar sob as estrelas. Antes que ela desse por isso, florescera uma amizade.

Agora ele partira, e só havia uma explicação possível. Loth nunca teria saído da corte por livre vontade, decerto não sem avisar a irmã ou pedir permissão a Sabran. A única explicação possível era que tinha sido forçado.

Tanto Ead como Margret haviam tentado avisá-lo. Advertido de que a sua amizade com Sabran — uma amizade que remontava aos seus dias de infância — acabaria por torná-lo uma ameaça para os potenciais pretendentes da rainha. Que agora que eram adultos, deveria afastar-se dela.

Loth nunca dera ouvidos à razão.

Ead abanou a cabeça e voltou à realidade. Saiu do pátio e afastou-se para dar lugar a um grupo de criados ao serviço da senhora Igrain Crest, Duquesa da Justiça. No seu tabardo, trazia bordado o seu brasão de armas.

O Jardim do Relógio de Sol deleitava-se com a luz da manhã. O sol adoçava-lhe os caminhos e as rosas que enfeitavam a relva exibiam um intenso rubor. Estátuas das cinco Grandes Rainhas da Casa de Berethnet guardavam um lintel e, sob elas, ficava a entrada para a Torre Dearn, nas proximidades. Sabran sempre gostara de passear em dias como este, de braço dado com uma das suas damas de companhia, mas hoje os caminhos estavam vazios — a rainha não estaria com disposição para passeios depois de terem encontrado um cadáver tão próximo do seu leito.

Ead aproximou-se da Torre da Rainha. As trepadeiras que lhe serpenteavam as paredes estavam cobertas de flores roxas. Subiu as várias escadas internas e abriu caminho para os aposentos reais.

Doze Cavaleiros do Corpo, com as suas armaduras douradas e mantos verdes estivais, flanqueavam a entrada da Câmara Privada. Nas suas braçadeiras, usavam um padrão florido, e, nas suas couraças, o brasão de Berethnet ocupava um lugar de destaque. Ergueram o olhar bruscamente quando Ead se aproximou.

— Bom dia — disse ela.

Ao reconhecerem a Dama da Câmara Privada, o momento de cautela passou e afastaram-se para lhe ceder passagem.

Ead viu de imediato a senhora Katryen Withy, sobrinha do Duque da Camaradagem. Com vinte e quatro anos, era a mais nova e mais alta das três Damas do Leito Real, de pele castanha macia, lábios cheios e cabelo crespo encaracolado de um ruivo tão profundo que era quase preto.

— Senhora Duryan — saudou. Como todos os outros no palácio, estava vestida de verde e amarelo para o verão. — Sua Majestade ainda está no leito. Encontrastes a lavadeira?

— Sim, minha senhora. — Ead fez uma reverência. — Parece que… se deixou distrair por deveres para com a família.

— Não há dever acima do nosso serviço à Coroa — replicou Katryen, lançando um olhar para a porta. — Houve outra intrusão. Desta vez, o patife era menos desajeitado. Não só conseguiu chegar ao Quarto de Leito Real como também tinha a chave da porta.

— O Quarto de Leito Real — repetiu Ead, fingindo assombro. — Então, alguém da Casa Superior traiu Sua Majestade.

Katryen assentiu.

— Cremos que subiu a Escadaria Real. Isso ter-lhe-ia permitido contornar a maior parte dos Cavaleiros do Corpo e ir direto para a Câmara Privada da rainha. E dado que a Escadaria Real está selada desde… — Suspirou. — O Sargento Porter foi dispensado pela sua negligência. De agora em diante, a porta para o Quarto de Leito Real deverá ter supervisão *constante*.

Ead assentiu.

— Que desejais que façamos hoje?

— Tenho uma tarefa especial para vós. Como sabeis, o embaixador mêntico, Oscarde utt Zeedeur, chega hoje. A sua filha tem sido algo descuidada na forma de vestir — disse Katryen, franzindo os lábios. — A senhora Truyde sempre se apresentou de forma impecável na corte,

mas agora… ora, ontem compareceu às orações com uma *folha* no cabelo, e na véspera esqueceu-se da faixa. — Lançou a Ead um olhar demorado. — Pareceis saber como vos vestirdes de maneira adequada à vossa posição. Certificai-vos de que a senhora Truyde está pronta.

— Sim, minha senhora.

— Oh, e Ead, não mencioneis a intrusão. Sua Majestade não deseja semear agitação na corte.

— Com certeza.

Quando passou pelos guardas uma segunda vez, Ead fitou-lhes as expressões vazias.

Há muito que sabia que havia alguém na corte a deixar entrar assassinos no palácio. Agora até lhes fornecera uma chave para chegarem à rainha de Inys durante o sono.

Ead estava determinada a descobrir quem.

A Casa de Berethnet, como a maior parte das casas reais, sofrera algumas mortes prematuras. Glorian a Primeira morrera envenenada por uma taça de vinho. Jillian a Terceira governara apenas um ano antes de ser apunhalada no coração por um dos seus próprios criados. A própria mãe de Sabran, Rosarian a Quarta, morrera com um vestido ensopado em veneno de basilisco. Ninguém sabia como a peça de vestuário fora parar ao Toucador Real, mas suspeitava-se de traição por parte dos yscals.

Agora, os assassinos haviam voltado pela herdeira da Casa de Berethnet. A cada tentativa, aproximavam-se cada vez mais da rainha. Um entregara-se ao derrubar um busto. Outra fora vista a entrar sorrateiramente na Galeria dos Chifres, e outro ainda gritara coisas odiosas nos portões da Torre da Rainha até os guardas o apanharem. Não haviam encontrado ligação alguma entre os aspirantes a assassinos, mas Ead estava convicta de que tinham um líder comum. Alguém que conhecia bem o palácio. Alguém em posição de roubar a chave, fazer uma cópia e devolvê-la ao seu lugar no mesmo dia. Alguém que sabia como abrir a Escadaria Secreta, que se encontrava fechada desde a morte da Rainha Rosarian.

Se Ead fosse uma das Damas do Leito Real, uma pessoa de confiança de Sabran, seria mais fácil protegê-la. Desde que chegara a Inys que esperava pela oportunidade de ocupar esse cargo, mas começava a

acreditar que isso nunca iria acontecer. Uma convertida sem título não era uma candidata adequada.

Ead encontrou Truyde na Câmara do Cofre, onde dormiam as damas de honor. Havia doze camas, lado a lado. Os seus aposentos eram mais espaçosos ali do que em qualquer dos outros palácios, mas desconfortáveis para as jovens nascidas em famílias nobres.

As damas de honor mais jovens estavam a brincar com as almofadas, entre risos, mas pararam de repente quando viram Ead entrar. A dama que ela procurava ainda estava na cama.

A senhora Truyde, Marquesa de Zeedeur, era uma jovem mulher séria, de rosto pálido com sardas e olhos cor de carvão. Fora enviada para Inys com 15 anos, havia dois anos, para aprender a etiqueta da corte antes que chegasse a altura de herdar o Ducado de Zeedeur do seu pai. Havia nela um sentido de vigilância que lembrava a Ead um pardal. Era muitas vezes encontrada na Sala de Leitura, no meio das escadas ou a folhear livros antigos com páginas esfareladas.

— Senhora Truyde — saudou Ead com uma reverência.

— O que foi? — indagou a rapariga com ar aborrecido. O seu sotaque continuava forte como coalhada.

— A senhora Katryen pediu-me que vos ajudasse a vestir — disse Ead. — Com a vossa permissão.

— Eu tenho 17 anos, senhora Duryan, e ainda possuo inteligência suficiente para me vestir sozinha.

As outras damas sustiveram a respiração.

— Receio que a senhora Katryen discorde — respondeu Ead calmamente.

— A senhora Katryen está enganada.

As damas voltaram a suster a respiração, e Ead perguntou a si mesma se restaria algum oxigénio no cómodo.

— Senhoras — dirigiu-se às raparigas —, encontrem um criado e peçam-lhe para encher a bacia, por favor.

E elas foram. Sem fazer vénias. Ead tinha uma posição mais elevada na corte, mas elas eram nascidas nobres.

Truyde demorou-se uns momentos a olhar para a janela vitral antes de se levantar. Deixou-se cair sobre o banco ao lado da bacia.

— Perdoai-me, senhora Duryan — disse ela. — Estou de mau humor hoje. Não tenho dormido muito ultimamente. — Dobrou as mãos no colo. — Se for esse o desejo da senhora Katryen, podeis ajudar-me a vestir.

Decerto parecia cansada. Ead foi para o fogo e aqueceu algum linho. Após uma criada ter trazido água, pôs-se atrás de Truyde e pegou nos seus abundantes caracóis. Chegavam-lhe à cintura e eram de um ruivo profundo. Tal cabelo era comum no Estado Livre de Mentendon, que se estendia pelo outro lado do Estreito do Cisne, mas muito raro em Inys.

Truyde lavou o rosto. Ead lavou-lhe o cabelo com grialina, depois enxaguou-o e penteou-o, desembaraçando-o. Durante todo o processo, a rapariga não disse nada.

— Sentis-vos bem, minha senhora?

— Muito bem. — Rodou o anel no polegar, revelando a mancha verde por baixo. — Apenas… irritada com as outras damas e os seus mexericos. Dizei-me, senhora Duryan, sabeis do Mestre Triam Sulyard, escudeiro de *Sir* Marke Birchen?

Ead secou o cabelo de Truyde com os panos de linho aquecidos pelo fogo.

— Não muito — respondeu. — Apenas que deixou a corte no inverno sem permissão e que tinha dívidas de jogo. Porquê?

— As outras raparigas estão sempre a falar do seu desaparecimento e a inventar histórias inacreditáveis. Esperava silenciá-las.

— Lamento desapontar-vos.

Truyde ergueu os olhos sob as pestanas ruivas.

— Já fostes uma dama de honor.

— Sim. — Ead torceu os panos de linho. — Quatro anos, depois de o Embaixador uq-Ispad me trazer para a corte.

— E depois fostes promovida. Talvez um dia a Rainha Sabran também me torne uma Dama da Câmara Privada — disse Truyde, com ar absorto. — Assim não teria de dormir nesta jaula.

— Aos olhos de uma donzela, o mundo inteiro é uma jaula. — Ead pousou uma mão no seu ombro. — Vou buscar o vosso vestido.

Truyde sentou-se junto ao fogo e penteou o cabelo com os dedos. Ead deixou-a ali algum tempo para secar.

Do lado de fora, a senhora Oliva Marchyn, Genetriz das Damas, estava a tecer as suas acusações com a voz nasal e estridente que lhe era característica. Ao ver Ead, saudou-a com rigidez:

— Senhora Duryan.

Pronunciou o nome como se fosse uma infâmia. Ead esperava-o de certos membros da corte. Afinal, ela era uma sulista, nascida fora do Reino das Virtudes, e isso levantava suspeitas entre os inysh.

— Senhora Oliva — disse ela, calmamente. — A senhora Katryen pediu-me que ajudasse a senhora Truyde a vestir-se. Podíeis dar-me o seu vestido?

— Hum. Acompanhai-me. — Conduziu-a por outro corredor. Uma madeixa de cabelo grisalho escapou-lhe da coifa. — Aquela rapariga devia comer mais. Vai murchar como uma flor quando chegar o inverno.

— Há quanto tempo está sem apetite?

— Desde o Festim da Primavera Nascente. — Oliva lançou-lhe um olhar desdenhoso. — Tratai de a deixar apresentável. O pai dela ficará zangado se achar que não alimentamos bem a filha.

— Ela não está doente?

— Conheço os sinais de doença, senhora.

— Doente de amores, talvez? — sugeriu Ead com um sorrisinho.

Oliva firmou os lábios.

— Falais de uma dama de honor. E não tolero mexericos na Câmara do Cofre.

— Perdão, minha senhora. Foi uma brincadeira.

— Sois uma dama de companhia da Rainha Sabran, não o seu bobo da corte.

Com uma fungadela, Oliva tirou o vestido da prensa e entregou-o. Ead fez uma vénia e retirou-se.

A sua própria alma abominava aquela mulher. Os quatro anos que passara como dama de honor haviam sido os mais miseráveis da sua vida. Mesmo após a sua conversão pública às Seis Virtudes, a sua lealdade à Casa de Berethnet fora questionada.

Recordou os dias em que se deitava na sua cama dura na Câmara do Cofre, os pés doridos, a ouvir as outras raparigas a comentar o seu sotaque sulista e a especular sobre as heresias que devia ter praticado no Ersyr. Oliva nunca dissera uma palavra para as silenciar. No seu

coração, Ead sabia que aquilo acabaria por passar, mas ferira-lhe o orgulho ser ridicularizada daquela maneira. Quando abrira uma vaga na Câmara Privada, a Genetriz das Damas mostrara-se encantada por se ver livre dela. Ead deixara de dançar para a rainha e passara a preparar-lhe o banho e a arrumar os aposentos reais. Agora, tinha o seu próprio quarto e um salário melhor.

Na Câmara do Cofre, Truyde estava à sua espera, vestida de roupão. Ead ajudou-a a entrar num espartilho e saiotes de verão, depois num vestido de seda preta com mangas tufadas e um folho de renda. Sobre o seu coração reluzia uma pregadeira com o brasão do seu patrono, o Cavaleiro da Bravura. Todos os filhos do Reino das Virtudes escolhiam o seu cavaleiro protetor quando atingiam os doze anos.

Ead também usava uma. Um feixe de trigo, símbolo de generosidade. Recebera-o no momento da sua conversão.

— Senhora — disse Truyde —, as outras damas de honor acusam-vos de heresia.

— Eu faço as minhas orações no santuário — replicou Ead —, ao contrário de algumas dessas damas de honor.

Truyde observou-lhe o rosto.

— Ead Duryan é realmente o vosso nome? — perguntou de repente. — Não me soa ersyri.

Ead pegou num rolo de fita dourada.

— Falais ersyri, então, minha senhora?

— Não, mas li histórias do país.

— Ler — disse de forma descontraída. — Um passatempo perigoso.

Truyde ergueu o olhar penetrante para ela.

— Fazeis pouco de mim.

— De forma alguma. Há um poder grandioso nas histórias.

— Todas as histórias nascem de uma semente de verdade — rebateu Truyde. — São conhecimento procedente de figuração.

— Então, confio que usareis o vosso conhecimento para o bem. — Ead deslizou os dedos pelos caracóis vermelhos. — E já que perguntais… Não, não é o meu nome verdadeiro.

— Foi o que pensei. Qual *é* o vosso nome verdadeiro?

Ead separou dois fios do cabelo e trançou-o com a fita.

— Nunca foi ouvido aqui.

Truyde arqueou as sobrancelhas.

— Nem por Sua Majestade?

— Não. — Ead virou a rapariga para a encarar. — A Genetriz das Damas está preocupada com a vossa saúde. De certeza que vos sentis bem? — Truyde hesitou. Num gesto fraternal, Ead pousou uma mão no seu ombro. — Agora, conheceis um segredo meu. Estamos vinculadas por um voto de silêncio. Estais de esperanças, é isso?

Truyde enrijeceu.

— Não.

— Então o que é?

— Não é da vossa conta. Tenho um estômago delicado, é isso, desde…

— Desde a partida do Mestre Sulyard.

Foi como se Ead lhe tivesse batido.

— Ele partiu na primavera — continuou Ead. — A senhora Oliva diz que tendes tido pouco apetite desde então.

— Presumis demasiado, senhora Duryan. Demasiado. — Truyde afastou-se, as narinas dilatadas. — Falais com Truyde utt Zeedeur, Marquesa de Zeedeur, sangue de Vatten. A mera ideia de que eu me rebaixaria ao cio com um qualquer escudeiro de baixa linhagem… — Virou-se de costas. — Saí daqui, ou direi à senhora Oliva que estais a espalhar mentiras sobre uma dama de honor.

Ead sorriu brevemente e retirou-se. Já estava na corte há demasiado tempo para se deixar intimidar por uma criança.

Oliva observou-a a sair do corredor. Ao afastar-se para a luz do Sol, Ead inalou o cheiro da relva recém-cortada.

Uma coisa era clara: Truyde utt Zeedeur partilhara intimidades secretas com Triam Sulyard — e Ead fazia questão de conhecer todos os segredos da corte. E, se a Mãe o permitisse, também descobriria aquele.